



Definições para “tragédia” com base nos usos midiáticos do termo e com as contribuições da história

Rafaela Taísa Menin¹

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Resumo: Este artigo apresenta um panorama das formas como a mídia tem abordado uma “tragédia”, na última década. A pesquisa analisa artigos, dissertações e teses, nacionais e internacionais, que se detiveram, de 2008 a 2018, ao estudo de coberturas jornalísticas de acontecimentos nomeados como “tragédia”. A análise resulta na identificação e reflexão sobre o(s) modo(s) contemporâneo como o termo tem sido definido, em contraponto com a maneira como este termo tem sido entendido ao longo da história da humanidade.

Palavras-chave: tragédia; jornalismo; mídia; acontecimento; história.

1. Introdução e metodologia

As “tragédias” – entendidas inicialmente como ocorrências de grande repercussão social e midiática – costumam ter ampla cobertura jornalística e repercussão pública. Especialmente nas primeiras semanas após um acontecimento “trágico”, há produção de notícias e reportagens em veículos de comunicação diversificados. Ao longo dos últimos anos há vários exemplos da grande reverberação público-midiática deste tipo de ocorrência: o ataque do “11 de setembro”, nos Estados Unidos, em 2001; o tsunami ocorrido na Ásia, em 2004; a passagem do furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005; a morte de Isabella Nardoni, em São Paulo, em 2008; o incêndio na Boate Kiss,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista no Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: rafaelatmenin@hotmail.com

em Santa Maria (RS), em 2013; o rompimento da barragem de Mariana (MG), em 2015; e a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, na Colômbia, em 2016.

Atualmente, todos estes acontecimentos e muitos outros têm sido nomeados como “tragédia”. Pensando nisso, apresento neste artigo a pesquisa realizada sobre o termo “tragédia”, produto do primeiro capítulo de minha dissertação, que será defendida até dezembro de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da professora Maria Terezinha da Silva. Em razão do espaço, apresento aqui parte do panorama do que tem sido considerado “tragédia” para a mídia na última década, pesquisa que se origina a partir da análise de artigos, dissertações e teses que se detiveram ao estudo de coberturas jornalísticas de acontecimentos nomeados como “tragédia”.

A busca deste material concentra-se nos principais bancos de dados nacionais² e internacionais³ que reúnem dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e artigos científicos. Para isso, definiu-se pelos seguintes critérios: **1)** período de busca delimitado aos últimos dez anos (2008 a 2018)⁴; **2)** definição da palavra “tragédia” para busca nos bancos de dados nacionais⁵, e definição do termo “jornalismo e tragédia” (“*journalism and tragedy*”)⁶ na revisão internacional; **3)** Identificação da palavra “tragédia”, inicialmente, nos títulos e/ou resumos das publicações; **4)** publicações ligadas à Comunicação, ao Jornalismo, e pesquisas de outras áreas, mas que estudem coberturas jornalísticas. Com esta delimitação, encontramos 1.286 publicações. Os bancos de dados brasileiros mostraram 188 resultados. Internacionalmente, obtivemos 1.198 artigos, dissertações ou teses, número muito maior em comparação ao nacional em razão da gama de países que cadastram trabalhos nos bancos estrangeiros.

² Nacionalmente, a pesquisa concentrou-se nos seguintes bancos de dados: 1) Catálogo de Dissertações e Teses da Capes (o último resultado da busca aparece no ano de 2016); 2) Bancos de dados de Programas de Pós-Graduação de Comunicação ou Jornalismo: PPG-JOR/UFSC, UFSM, UFRGS, Unisinos, UFPR, UEPG, UFMG, USP, PUC-SP, UFRJ e UFBA; 3) Scientific Electronic Library Online (SciELO); 4) Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); 5) Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); 6) Congressos Regionais do Intercom (Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Norte); 7) Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); e 8) Google Acadêmico.

³ Internacionalmente, os bancos de dados foram sugeridos pela Biblioteca da UFSC: 1) Microsoft Academic Research; 2) Directory of Open Access; 3) Oxford Journals; 4) Pro Quest; 5) Sage Journals; e 6) Ebsco Host

⁴ O período de busca iniciou em janeiro de 2008 e encerrou-se em maio de 2018.

⁵ Decidimos por “tragédia” em razão dos resultados pouco significativos para “jornalismo e tragédia”.

⁶ Delimitação em razão da grande quantidade de conteúdo encontrado com o termo “tragedy”.

Priorizou-se pela leitura de todos os títulos e resumos, chegando ao número final de 42 publicações brasileiras e de 84 estrangeiras com interesse direto para cumprir com o objetivo de apresentar um panorama sobre o modo como a mídia e a pesquisa acadêmica utilizam o termo “tragédia” e ainda se há e como há preocupação em definir este termo. Ao ler e realizar uma análise desses trabalhos, conseguimos apresentar um detalhamento de inúmeras características⁷, como: **1)** quantidade de cada tipo de publicação (artigo, dissertação ou tese), de forma a nos mostrar o tipo de esforço que os pesquisadores têm conferido para o assunto “jornalismo e tragédia”; **2)** se há e qual é o período de concentração das pesquisas, a fim de compreender a relação entre a pesquisa e a “tragédia” estudada; **3)** origem das publicações, para descobrir a importância e o tratamento conferidos ao assunto em diferentes países do mundo; **4)** que tipo de ocorrências são nomeadas como “tragédia”.

A partir da apresentação deste panorama das pesquisas acadêmicas que analisaram coberturas jornalísticas na última década, encontra-se a parte fundamental para este artigo: as definições dos autores dessas pesquisas para o termo. Essas formas de pensar e tratar “tragédia” no tempo presente são complementadas com o passado, ao buscarmos, em momentos da história oficial da humanidade, os modos como este termo nasceu e evoluiu ao longo dos séculos. Por fim, chega-se a uma definição própria de “tragédia” (que guia o restante de minha dissertação).

2. “Tragédia” na mídia e na pesquisa acadêmica nacional

Foram selecionadas 42 pesquisas que interessam diretamente para esta pesquisa. A maioria destes trabalhos são artigos científicos (26 no total), outros 10 são dissertações, e ainda há uma tese e dois Trabalhos de Conclusão de Curso⁸. Ao se debruçar sobre esses estudos, é possível inferir que há um padrão na forma com que eles foram desenvolvidos, já que os autores priorizaram, em 37 das 42 publicações, a análise de alguma cobertura jornalística que tratou de acontecimentos nomeados como “tragédias”⁹.

⁷ Na dissertação, as características são ainda mais detalhadas. Por exemplo: também incluímos quais teorias e metodologias foram utilizadas para a análise de “acontecimentos trágicos”.

⁸ Esses dois trabalhos foram incluídos, pois são ligados ao Jornalismo e tratam da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol (objeto empírico da dissertação citada neste artigo).

⁹ As outras cinco publicações analisam interações de usuários em redes sociais como o *Facebook* ou discutem o assunto teoricamente, sem análise empírica da produção das mídias, com a preocupação de discu-

No período da pesquisa bibliográfica (2008-2018), percebe-se a relação entre a data da “tragédia” e a data da publicação dos artigos, dissertações ou teses. A maioria inicia estudos ainda no mesmo ano do acontecimento e segue nos dois anos seguintes. E a maior parte das publicações ocorreu no final da década pesquisada: das 42 publicações, 27 estão concentradas nos anos de 2013 a 2017. Ao ler os materiais, é possível inferir que a principal explicação é a quantidade de grandes acontecimentos neste período, no Brasil, que acabaram sendo denominados de “tragédias”, seja pela imprensa, pelos cidadãos ou pelos pesquisadores.

Entre eles citamos: **a)** o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), que matou 242 pessoas e feriu em torno de 680 pessoas, ocorreu em janeiro de 2013 e inspirou 11 publicações ligadas ao Jornalismo, especialmente no mesmo ano e no ano seguinte (BASTOS, 2013; ETGES, 2014; GUIMARÃES, 2013; KEGLER, 2016; MORETZSOHN, 2013; OLIVEIRA, 2016; SANTOS, 2014; SILVA, 2014); **b)** o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), matou 17 pessoas no final de 2015 e inspirou quatro publicações nos anos seguintes (BUENO, 2017; CARVALHO, 2018; FERRACIOLI, 2017; SILVA, 2016); **c)** a queda do avião da Chapecoense, no final de novembro de 2016, foi tema de oito pesquisas na sequência ao ocorrido (CARVALHO, 2017; FLORES, 2017; KOCHHAN, 2017; MACIEL, 2017; MELLO, 2017; NEGRINI, 2017; PATROCÍNIO, 2017; WERNECK, 2017).

As análises dos artigos, dissertações e teses brasileiros levou-nos ainda a perceber que os pesquisadores costumam focar a atenção e nomear como “tragédia” algumas ocorrências semelhantes, que levaram a seguinte categorização:

A) Socioambientais: das 42 pesquisas, 12 (28,5%) delas tiveram ocorrências socioambientais como objetos empíricos de pesquisa: **a.1)** dois temporais com deslizamentos de terra ocorridos no Rio de Janeiro, em abril de 2010¹⁰ e janeiro de 2011¹¹ (COUTINHO, 2013; DELEVATI, 2013; MAIA, 2011; SANTOS, 2014; ZIMMER-

tir o enquadramento ou o discurso.

¹⁰ A chuva intensa iniciou em 5 de abril de 2010, alagando várias cidades do estado do Rio de Janeiro. A ocorrência mais grave foi dois dias depois, um deslizamento no morro do Bumba, em Niterói, local que abrigava um lixão até o início da década de 1980. Ao todo, 231 pessoas morreram.

¹¹ A chuva intensa causou enchentes e deslizamentos em várias cidades, especialmente na região Serrana do estado do RJ. Foram contabilizados 917 mortes e mais de 300 desaparecimentos.

MANN, 2012); **a.2)** rompimento da barragem de Mariana (MG), em 2015¹² (CARVALHO, 2018; FERRACIOLI, 2017; SILVA, 2016); e **a.3)** enchente em Blumenau (SC), em 2008¹³ (SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012). Este tipo de ocorrência, além de ser nomeada como “tragédia”, também é chamada pelos pesquisadores como “desastre” (SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012), “catástrofe” (AMARAL, 2010; COUTINHO, 2013; SANTOS, 2014), “tragédia anunciada” (FERRACIOLI, 2017; ZIMMERMANN, 2012), “tragédia não anunciada” (CARVALHO, 2018), ou ainda “crime socioambiental” e “acidente” (SILVA, 2016).

B) Incêndios e tiroteios em espaços coletivos: adequam-se a esta categoria duas ocorrências nomeadas como “tragédias”: **b.1)** o tiroteio na escola de Realengo (RJ), em abril de 2011; e **b.2)** o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em janeiro de 2013¹⁴. A partir dos critérios da busca, essas duas ocorrências levaram à produção de 13 (31%) das 42 publicações encontradas na busca nacional (BASTOS, 2013; ETGES, 2014; GUIMARÃES, 2013; LAGE, 2012; MORETZSOHN, 2013; BRANDALISE e NEGRINI, 2015; SOUZA, 2013; LAGE, 2013; OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2014). Todos os pesquisadores definem as duas ocorrências como “tragédias”, mas Lage (2012; 2013) ainda cita o termo “massacre”, referindo-se à forma como a mídia nomeou o tiroteio em Realengo¹⁵.

C) Morte de uma pessoa (pública ou não) que gerou intensa midiaticização: os bancos de dados também nos levaram a quatro estudos (9,5% do total) em que o termo “tragédia” está associado a outro tipo de ocorrência – também envolvendo vítimas, mas, neste caso, com um diferencial em relação às outras categorias, o número de pessoas envolvidas: **c.1)** Isabella Nardoni, em março de 2008¹⁶ (BORTOLI, 2011); **c.2)**

¹² Na tarde de 5 de novembro de 2015, a barragem “Fundão”, de rejeitos de mineração, rompeu-se. A lama inundou principalmente o distrito de Bento Rodrigues, matando 18 pessoas.

¹³ Após um período de chuvas, em novembro de 2008, a cidade de Blumenau (SC) ficou inundada e decretou estado de calamidade pública. Foram 135 mortes.

¹⁴ O incêndio foi na madrugada de 27 de janeiro de 2013, dentro da boate Kiss, em Santa Maria (RS). A banda Gurizada Fandangueira realizava um show e lançou um artefato pirotécnico, que atingiu o teto (isolado com uma espuma altamente inflamável e tóxica) e iniciou o incêndio. A ocorrência matou 242 pessoas e 680 ficaram feridas, principalmente jovens.

¹⁵ Em 7 de abril de 2011, um homem de 23 anos invadiu a escola de Realengo, no Rio de Janeiro, e atirou contra estudantes e professores. Deixou 12 mortos e 22 feridos.

¹⁶ Isabella Nardoni, de 5 anos de idade, foi jogada do 6º andar de um edifício, por seu pai e sua madrasta. Os dois foram condenados a mais de 25 anos de prisão cada um.

Eloá Cristina, em outubro de 2008¹⁷ (FRANÇA, 2011); **c.3**) Marcos Matsunaga, herdeiro do grupo Yoki, em maio de 2012¹⁸ (CAMPOS, 2013); e **c.4**) Eduardo Campos, em agosto de 2014¹⁹ (SIMÕES, 2015). A segunda diferença desta categoria para as demais diz respeito aos termos utilizados para nomear as ocorrências analisadas e a quem os utiliza: mídia ou pesquisador. Enquanto nas outras publicações, a maior parte dos próprios autores das publicações chamam as ocorrências de “tragédias”, nesta categoria é a mídia quem confere mais ênfase a esta definição (BORTOLI, 2011, CAMPOS, 2013, SIMÕES, 2015). Quando os autores dessas três publicações utilizam o termo “tragédia”, eles o marcam entre aspas ou com algum outro destaque, e preferem usar termos como “crime” e “acontecimento”, ou como “Caso Isabella” ou “Caso Yoki”.

D) Quedas de avião: a pesquisa bibliográfica revelou ainda 11 publicações (26,2%) que utilizaram o termo “tragédia” para se referir a alguma queda de avião (AZEVEDO, 2009; CARVALHO, 2017; COSENZA, 2009; FLORES, 2017; KOCHHANN, 2017; MACIEL, 2017; MELLO, 2017; NEGRINI, 2017; PATROCÍNIO, 2017; PÉRSIGO, 2011; WERNECK, 2017). Como objetos empíricos dessas pesquisas, duas ocorrências se destacaram: **d.1**) o desaparecimento do voo 447, da Air France, em 2009²⁰; e especialmente: **d.2**) a queda do avião da Chapecoense, em 2016²¹.

3. “Tragédia” para a mídia e a pesquisa acadêmica internacional

As 84 pesquisas internacionais encontradas com base nos filtros são compostas por 39 artigos científicos, 19 dissertações e 26 teses²². Assim como os estudos nacionais, os internacionais também se preocupam em analisar coberturas jornalísticas sobre “tragédias”, a fim de identificar e compreender o porquê de diferentes enquadramentos

¹⁷ Eloá Cristina Pereira Pimentel, 16 anos, foi mantida em cárcere privado pelo ex-namorado, de 13 a 18 de outubro de 2008, em São Paulo. Uma amiga estava junto e saiu ferida. Eloá levou dois tiros e faleceu.

¹⁸ O empresário CEO da empresa alimentícia Yoki foi morto e teve o corpo esquartejado pela esposa, no dia 19 de maio de 2012.

¹⁹ O político era candidato à Presidência e morreu em 13 de agosto de 2014, quando a aeronave que estava caiu em Santos (SP).

²⁰ O voo seguia do RJ para a França, em 31 de maio de 2009, quando caiu no Oceano Atlântico com 228 pessoas a bordo.

²¹ Jogadores da Associação Chapecoense de Futebol (ACF) iam para a Colômbia disputar uma partida internacional. Com eles, estavam dirigentes, empresários e profissionais da imprensa; 71 pessoas morreram e seis sobreviveram.

²² Nos Estados Unidos, as teses garantem o grau de Mestre e as dissertações são o projeto para obter o grau de Doutor.

de um mesmo acontecimento. Além disso, o maior número de estudos produzidos em outros países foi publicado em 2011. Foram 12 publicações, sendo oito delas baseada em conflitos e guerras, especialmente sobre o “11 de setembro” – que completou 10 anos em 2011 – e suas consequências no mundo (BRYAN e LORENZO-DUS, 2011; CRANFIELD, 2011; EPKINS, 2011; MAMADIEV, 2011; ROSENBERG, 2011).

A pesquisa acadêmica internacional está preocupada com dois aspectos não encontrados nos bancos de dados brasileiros: **a)** as guerras e os conflitos²³ e **b)** o envolvimento psicológico/emocional dos profissionais da imprensa diante da cobertura jornalística de ocorrências traumáticas. E, enquanto as pesquisas nacionais, no período analisado, tratam de ocorrências envolvendo acontecimentos socioambientais, a revisão estrangeira aborda ocorrências ligadas a fenômenos da natureza (furacão, tsunami, terremoto):

A) Guerras e conflitos: são 27 estudos com este foco (32% de 84 estudos). A origem de 21 das 27 produções concentra-se em universidades dos Estados Unidos, mas também há seis publicações de outras partes do mundo, como: Japão; Suécia; e Reino Unido. Estas origens, no entanto, não determinam que o conflito escolhido como empírico das pesquisas seja necessariamente do mesmo país, já que dos 21 estudos norte-americanos, apenas nove referem-se ao Jornalismo praticado a partir de duas ocorrências de dentro deste mesmo país (11 de setembro e conflitos relacionados à raça). As demais pesquisas tratam de “tragédias” estrangeiras, como: **a.1)** Ataques na Suécia²⁴ (OLSSON e FALKHEIMER, 2015); **a.2)** atentados em Londres (BRYAN e LORENZO-DUS, 2011)²⁵; **a.3)** Queda do muro de Berlim²⁶ (SONG, 2017); **a.4)** Conflitos entre judeus e israelenses pelo território da Palestina (STAWICKI, 2009).

Para referir-se a estas ocorrências, além de utilizarem “tragédia” ou “história trágica” (WADE, 2015), os pesquisadores também escolheram “conflito” (WADE, 2015; WISE, 2016), “guerra” (CRANFIELD, 2011; UMAMAHESWAR), “incidente” (MAKINSTER, 2014), “terror” ou “terrorismo” (BORAWSKI, 2016; MAKINSTER,

²³ Na pesquisa internacional, encontramos apenas uma publicação referente a quedas de avião e, na busca brasileira, há apenas uma pesquisa que tratou de guerras ou conflitos.

²⁴ Em 22 de julho de 2011, uma bomba explodiu no Centro, próxima a prédios do governo e matou oito pessoas, e em seguida um atirador matou 69 jovens na ilha de *Utoya*.

²⁵ Várias bombas explodiram nos metrô da cidade britânica, deixando 56 mortos e mais de 700 feridos.

²⁶ Muro foi construído pela Alemanha Oriental para separar a Berlim Ocidental, não comunista, da Berlim Oriental. Começou a ser construído em 1961 e foi derrubado em 1989.

2014; STAWICKI, 2009; UMAMAHESWAR, 2015), e “acontecimento traumático” (SEELY, 2017; SMITH, 2008).

B) Fenômenos da natureza: 19 dos 84 trabalhos (25%) encaixam-se nesta categoria. Estes tratam sobre coberturas jornalísticas das seguintes ocorrências: **b.1)** Furacão Katrina²⁷ (BAYNARD, 2010; CALLOWAY, 2009; HUCKSTEP, 2008; JONES, 2011; ROBINSON, 2009; SHERIFF, 2011; ZUVERINK, 2012); **b.2)** Tsunami, na Ásia, em 2004²⁸ (ARQUEMBOURG, 2009; SURYANARAYAN, 2008); **b.3)** Terremotos, na China, na Itália, Haiti e Japão (LIU, 2010; ZHANG, 2015; FARINOSI e TRERÉ, 2014; PERREAULT, 2010; ROBERTS, 2010; HARADA et al, 2015). Nestes casos, a mídia e os pesquisadores também utilizam “desastre/natural” e “Tragédia americana”.

C) Tiroteios em espaços públicos: dez publicações (12%) tratam de tiroteios em espaços coletivos. Seis estudos são originários dos Estados Unidos e os outros quatro são do Brasil (LAGE, 2013), do Reino Unido (HIGGINS e SMITH, 2011), da Austrália (WONDEMAGHEN, 2013), e da Noruega (ORGERET, 2016). São os seguintes acontecimentos: **c.1)** “Massacre na escola Columbine”²⁹ (DAGGETT, 2017); **c.2)** “Tiroteio na escola de Sandy Hook”³⁰ (DAN-BERKOWITZ, 2014; WUCHER, 2014); **c.3)** Tiroteio na Escola Primária de Dunblane, na Escócia³¹ (HIGGINS e SMITH, 2011); **c.4)** Tiroteio na universidade de Monash, na Austrália³² (WONDEMAHEN, 2013); **c.5)** “Massacre de Realengo”, em abril de 2011, no Rio de Janeiro (LAGE, 2013).

Além de nomear todas essas ocorrências como “tragédias”, os pesquisadores também utilizam termos como “assassinatos” (HIGGINS e SMITH, 2011) e “massacre” (LAGE, 2013; DAGGETT, 2017) para descrever o que ocorreu. Este último é um “sinônimo” tão forte para tiroteios em escolas que alguns acontecimentos ficaram conhecidos como “Massacre de Columbine” e “Massacre de Realengo”. E os outros são conhecidos como “Tiroteio em Sandy Hook” e “Tiroteio em Dunblane”.

D) Envolvimento psicológico dos profissionais da imprensa: esta categoria não é propriamente de análise de ocorrências “trágicas”, mas foi uma surpresa nos ban-

²⁷ Atingiu a Flórida, nos Estados Unidos, em agosto de 2005, e deixou 1.836 mortos.

²⁸ Deixou em torno de 290 mil mortos.

²⁹ Tiroteio em 20 de abril de 1999, em Columbine, no Colorado, terminou com 12 estudantes e um professor mortos, além dos dois autores que se suicidaram.

³⁰ Em Connecticut, deixou 20 crianças e oito adultos mortos e foi cometido por um autor.

³¹ Foi alvo de um atirador que matou 16 crianças e uma professora, e depois suicidou-se, em 1996.

³² Um estudante atirou e matou dois colegas, dentro de uma sala de aula, em 21 de outubro de 2002.

cos de dados, pois aparece com ênfase quando há a relação entre “tragédia e jornalismo”. Debatem questões como traumas, reações emocionais e coragem diante da produção de notícias diante de “tragédias”. A origem das pesquisas é diversa: **d.1)** Singapura, na Ásia (TANDOC e TAKAHASHI, 2016); **d.2)** Finlândia, na Europa (BACKHOLM e BJORKQVIST, 2012); **d.3)** Estados Unidos (LEARY, 2013; SEELY, 2017; SMITH, 2008; TOWNLEY, 2011); **d.4)** Coreia do Sul (HA et al, 2017); **e)** Canadá (LONG, 2013). Não importa onde a produção foi desenvolvida, todos os pesquisadores nomeiam como “tragédia” e “acontecimento traumático” ocorrências como tiroteios em espaços coletivos, guerras/conflitos e fenômenos naturais.

4. Em busca de definições do presente e do passado para “tragédia”

Depois de se debruçar sobre 42 pesquisas nacionais e 84 internacionais que estudam basicamente jornalismo e tragédia, pode-se indicar que, tentativas de explicitar uma compreensão desta noção aparecem em apenas cinco dos 42 trabalhos nacionais e três dos 84 internacionais. Para Azevedo (2009, p. 1) – que estuda a cobertura jornalística do desaparecimento do voo da Air France 447, em 2009 –, “o valor-notícia que aponta números de mortos está entre os fatores determinantes para um fato ser representado como ‘tragédia’.

Na mesma linha vai o entendimento de Etges (2014), que estudou coberturas jornalísticas do incêndio na Boate Kiss: “o verbete tragédia [...] hoje, é compreendido como um acontecimento que desperta horror e sofrimento, em geral, atrelado a um grande número de mortos” (ETGES, 2014, p. 1 – grifo nosso). Para além do número de mortos, Oliveira (2016) analisa este mesmo acontecimento e entende que “as grandes catástrofes costumam desestruturar o ambiente e instaurar o sentimento de incerteza e vulnerabilidade” (ASCENCIO apud OLIVEIRA, 2016, p. 22 – grifo nosso).

Também analisando o incêndio em Santa Maria (RS), Guimarães (2013, p. 2 – grifo nosso) considera tragédia como: “evento singular que extrapola as condições normais de compreensão do real, superando a própria lógica racional, na qual as leis (físicas, sociais e culturais) são anuladas e colocadas temporariamente de lado”. E, a cobertura jornalística (discurso), articula a formação do que ele chama de “comunidades

emocionais” – grupos que se integraram a partir do sentimento de pertencimento e por uma ligação emocional (neste caso, a “tragédia”) de solidariedade e luto.

A solidariedade também é apontada por Zimmermann (2012) como um sentimento resultante de uma tragédia, sendo que este seria um dos estágios da cobertura jornalística deste tipo de acontecimento: **a)** Estágio 1 – Alerta, com profissionais e o público ainda demonstrando dúvidas e incertezas; **b)** Estágio 2 – Socorro, considerada a fase mais crítica do desastre, com a cidade e o público ouvinte alarmados; **c)** Estágio 3 – Solidariedade, registro de maiores operações de resgate e de auxílio aos atingidos; **d)** Estágio 4 – Reabilitação, quando a população tenta retomar a normalidade.

Já HAYES et al (2017) entende que uma tragédia pode ser dividida em duas vertentes: pública e privada. A primeira seria um “acontecimento desastroso, catastrófico que causa danos físicos ou psicológicos em pessoas, comunidades, organizações e também apoio social em rede, independentemente de serem direta ou indiretamente afetadas pela circunstância” (HAYES et al, 2017, p. 257 – grifo nosso). Por outro lado, a tragédia privada é definida como um “acontecimento traumático que pode exercer um impacto estressante, como a sobrecarga dos mecanismos individuais de enfrentamento, resultando em sofrimento psicológico” (HAYES et al, 2017, p. 257 – grifo meu).

Na produção norte-americana de Theye (2008), uma tragédia pode balançar inclusive a identidade nacional e a mídia tem um papel fundamental neste quesito: “os meios de comunicação reconstroem a identidade nacional usando a linguagem para unir os cidadãos uns aos outros, afirmando os valores americanos, repreendendo aqueles que se desviam dos ideais americanos e sustentando a crença nos americanos” (THEYE, 2009, p. 1 – grifo meu).

As definições trazidas aqui, no entanto, são todas de no máximo uma década atrás. Desta forma, para entender de que forma “tragédia” chegou ao significado atual, voltamos ao passado por entender, assim como Barbosa (2019, p.1), que “primeiro é preciso ver o que já foi pesquisado na área ou em relação àquela temática específica. Muitas vezes, já existem muitas pesquisas sobre aquela temática e você pode fazer uma reflexão mais conclusiva, mais genérica, utilizando essa bagagem de pesquisa anterior”. Ao voltar no tempo para pesquisar sobre o termo “tragédia”, acreditamos que assumi-

mos um pensamento histórico e, assim, reconhecemos que o passado faz parte de um longo processo, em que ações que passaram continuam durando (BARBOSA, 2016).

Deparamo-nos com um pensamento que parece unânime: não há um momento exato ao qual possa ser conferido o surgimento da “tragédia”. Acredita-se que a palavra deriva do grego “*tragoidia*”, que significa “peça ou poema com final infeliz”³³. Ao pé da letra, “*tragos*” significa “bode” e “*oidea*” significa “canção”, sendo que a explicação vem das peças de teatro com atores que faziam sátiras (*oidea*) vestindo-se com as pernas cabeludas e chifres de bode (*tragos*).

Teria sido Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) quem inaugurou a tradição de uma análise poética do termo, descrevendo desta forma: “a mais bela tragédia é aquela cuja composição deve ser, não simples, mas complexa; aquela cujos fatos, por ela imitados, são capazes de excitar o temor e a compaixão” (ARISTÓTELES, 2016 – grifo nosso). Ainda na Grécia Antiga, outros três nomes aparecem como os principais “tragediógrafos”³⁴ da época: Ésquilo (525 a.C. – 455 a.C), Sófocles (497 a.C – 405 a.C) e Eurípedes (480 a.C. – 406 a.C). Ao longo dos séculos seguintes, as “tragédias” continuaram presentes. William Shakespeare (1564-1616), por exemplo, escreveu obras consideradas tragédias “clássicas” e, que no século XVI ainda eram consideradas somente ficção, como *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *Macbeth*.

Refletindo sobre esta tradição que acompanha a “tragédia”, o autor de *Tragédia Moderna* (2002) acredita que é possível compreender como o termo é empregado:

“Tragédia se tornou, em nossa cultura, um nome comum para esse tipo de experiência [...] um desastre numa mina, uma família destruída pelo fogo, uma carreira arruinada, uma violenta colisão na estrada [...] E, no entanto, tragédia é também um nome extraído de um tipo específico de arte dramática que por vinte e cinco séculos teve, sem interrupções, uma história intrincada, mas que pode ser explicada” (WILLIAMS, 2002, p. 30)

Com uma origem tão antiga, os autores que se debruçaram sobre este assunto encontraram uma definição medieval que tratava a “tragédia” para além das ideias gregas de peça teatral. No *Prólogo do conto do monge*, escrito a partir de 1387³⁵: “a tragédia é ver certa história, como velhos livros nos dão memória, daquele que tinha grande

³³ Fonte: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/tragedia/>

³⁴ Termo utilizado para àqueles que escreviam tragédias.

prosperidade, e caiu de seu estatuto superior, para a miséria, e terminou desgraçadamente” (CHAUCER apud WILLIAMS, 2002, p. 38). Assim, inicialmente, os autores tratavam “tragédia” como a transição da prosperidade para a adversidade de uma forma metafísica/sobrenatural (como era vista a metafísica inicialmente).

Na Renascença (entre os séculos XIV e XVI), a tragédia começa a tornar-se crítica, compreendendo a ideia de “métodos e efeitos”, baseando-se no que ela pode causar a um “tirano”. Depois, no período Neoclássico (século XVIII até metade do XIX), tragédia tratava-se de uma questão de decoro (acatar as normas, decência), ou seja, durante esses séculos a ideia fica vinculada a um comportamento moral (aquele que é mau sofrerá e o bom será feliz), mais do que a visão sobrenatural (WILLIAMS, 2002).

Alguns filósofos trataram de forma mais específica sobre o termo e tiveram suas teorias registradas. O filósofo alemão Hegel (1770-1831) acreditava que o importante na tragédia não era o sofrimento em si, mas as causas – que para ele estariam centradas principalmente em um conflito ético (não mais sobrenatural ou moral). O russo Tolstói (1828-1910) e o inglês Lawrence (1885-1930), ampliam a visão e defendem dois tipos de tragédia: **a)** tragédia pessoal, na qual homens e mulheres sofrem e são destruídos nos relacionamentos íntimos, e na qual o indivíduo é marcado por um universo insensível, respondendo com a morte e o isolamento espiritual; **b)** tragédia social, quando homens são arruinados pelo poder e pela fome, ou uma civilização é destruída ou destrói-se a si mesma (LAWRENCE e TOLSTÓI, 2002, p. 200)

O filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860) também parece ter exercido um papel fundamental para introduzir o atual pensamento sobre o termo: “é a dor inexprimível, o lamento da humanidade, o triunfo do mal, o desdenhoso domínio do acaso, a irreversível degradação do justo e do inocente” (WILLIAMS, 2002, p. 60 – grifo nosso). Nietzsche (1844 – 1900), por sua vez, resumiu que “a tragédia absorve a mais alta música orgástica e, ao proceder assim, realiza a música” (NIETZSCHE apud WILLIAMS, 2002, p. 63).

Refletindo de forma mais parecida com a contemporaneidade, o filósofo e jornalista Albert Camus (1913-1960) afirmava que “hoje em dia a tragédia é coletiva”. O argelino acreditava que o desespero ocorre quando se reconhecem os “absurdos” de uma tragédia, ou seja, “as incompatibilidades entre a intensidade da vida material e a certeza

da morte” (CAMUS; SARTRE, 2002, p. 230 – grifo nosso). E, ter certeza da morte, segundo Camus, pode resultar em isolamento, desespero e perda de sentido.

Por fim, refletindo sobre vários dos filósofos e sociólogos citados acima e suas formas de pensar sobre uma “tragédia”, Williams (2002) defende que tragédia não é meramente morte e sofrimento e com certeza não é acidente. “Tampouco, de modo simples, qualquer reação à morte ou ao sofrimento. Ela é, antes, um tipo específico de acontecimento e de reação que são genuinamente trágicos e que a longa tradição incorpora” (WILLIAMS, 2002, p. 31 – grifo nosso).

5. Considerações finais

Este artigo trata-se de um recorte de minha dissertação, que deve ser apresentada até o final de 2019. Desta forma, tentei neste espaço, apresentar parte do capítulo um da pesquisa, a fim de debater as formas com que o termo “tragédia” tem sido utilizado pela mídia, nos últimos dez anos, e contrapor com o modo como esta palavra foi entendida ao longo da história da humanidade.

Após percorrer os bancos de dados e selecionar as pesquisas acadêmicas da última década que analisam coberturas jornalísticas de acontecimentos considerados “trágicos”, pudemos constatar que uma “tragédia”, atualmente, trata-se de: **a)** evento singular; **b)** com mortes (geralmente muitas); **c)** que desestrutura; **d)** que extrapola a lógica; **e)** causa sofrimento (pessoal ou social); **f)** pode balançar a identidade de uma localidade; **f)** despertar solidariedade e união. A fim de complementar esta visão atual, optamos também por complementar o artigo com breves leituras da história do termo. Percebe-se, depois de percorrer um caminho de contextualização histórica, que a “tragédia” chega à atualidade a partir da longa tradição da civilização europeia, mas muda de sentido e aplicação ao longo da história da humanidade, passando pelo seu possível surgimento, na Grécia Antiga, e por ideias medievais, renascentistas, neoclássicas e modernas.

Desta forma, parece-me que, quando há o exercício de se refletir sobre o termo, há semelhanças entre a “tragédia” atual e aquela pensada de forma filosófica ao longo dos séculos. Porém, apenas oito dos 126 pesquisadores nacionais e internacionais selecionados com os parâmetros de busca, trataram de “tragédia” de uma forma mais refle-

xiva. Os demais, em sua maioria, tratam de analisar a cobertura jornalística sobre uma “tragédia”, mas não refletem sobre o porquê do uso deste termo.

Por fim, ao unir os breves entendimentos de autores que refletiram sobre o termo em meio a suas teorias (atuais ou antigas), e com o entendimento de que o jornalismo é uma prática comunicacional que está em profunda relação com a sociedade, com suas tradições e com a cultura na qual ele é praticado, que alimenta e é alimentado pelos valores vigentes, deparamo-nos com um conceito próprio que guia o restante da pesquisa: *uma tragédia é um tipo de acontecimento caracterizado por uma ruptura na experiência coletiva, que implica em vítima (s), sobretudo fatais, que gera incertezas em função das possíveis consequências e que tende a desencadear uma intensa repercussão social e midiática.*

Referências

- ARISTÓTELES. **A arte poética**. Ed. Martin Claret, 2016.
- AZEVEDO, A. C; MARTINS, M. A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Curitiba, Set., 2009.
- BARBOSA, Marialva. Mirar o presente olhando o passado: o risco do foco presentista nos estudos de comunicação permeados pela mídia. In: FORT et al. **Revista Uninter de Comunicação**. v. 7, n. 12, Jun., 2019.
- BORTOLI, Jocélia da Silva. **“Caso Isabella”: repetição e diferença na construção do acontecimento midiático**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo (RS), 2011.
- CAMPOS, Maíra Lobato. Caso Yoki: Uma análise à luz do conceito de acontecimento. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, São Paulo, Jul. 2013.
- CAMUS, Albert (1913-1960); SARTRE, Jean-Paul (1905-1980). In: **Tragédia moderna**. Ed. Cosac Naify, São Paulo, p. 228-245, 2002.
- CARVALHO, Daniel S. S. A criança síria e a Chapecoense: solidariedade, cooptação e oportunismo. **Revista Posição**, março de 2017.
- CARVALHO, Douglas Elias. **O caso Samarco no Jornal Nacional: narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil**. Dissertação (Mestrado). 2018. 116 f. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- COSENZA, Bárbara C. Discurso sobre uma tragédia sem imagens: Le Figaro e a cobertura do voo AF 447. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, setembro de 2009.
- COUTINHO, I.; MATA, J. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 10, n. 2, Julho-Dezembro 2013. ISSN 1984-6924.
- DELEVATI, Ananda. Campos sociais na cobertura de desastres: uma análise da revista Istoé na tragédia da região serrana do Rio de Janeiro. XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, Caxias do Sul, Junho 2017.

ETGES, Hélio; OLIVEIRA, Vanessa. O discurso do jornal Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Foz do Iguaçu, Setembro de 2014.

FERRACIOLI, Paulo; SAMPAIO, Rafael Cardoso; FONTES, Giulia Sbaraini. Molduras de uma tragédia anunciada: enquadramentos do desastre de Mariana. Intercom, **Rev. Bras. Ciênc. Comunicação** [online]. 2017, vol.40, n.3, pp.55-72. ISSN 1809-5844.

FLORES, I. G. A tragédia do voo da Chapecoense e o gatekeeper do Catraca Livre. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Caxias do Sul, Junho 2017.

FRANÇA, Renné; VAZ, Paulo B. F. O acontecimento enquadrado: a tragédia em capas de revistas. In: LEAL, Bruno S.; ANTUNES, ELTON; VAZ, Paulo Bernardo. (Org). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. V. 2, p. 167-188. Florianópolis: Insular, 2011.

GUIMARÃES, Isabel Padilha; ORELLANA, Carlos. Tragédia e solidariedade direcionada no discurso jornalístico. **36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Manaus, 2013.

KEGLER, Bruno. **Redes de comunicação pública, visibilidade e permanência do acontecimento público Tragédia Kiss (Santa Maria, Brasil, 2013)**. 2016. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

KOCHHANN, Fernanda. **Estratégias jornalísticas acionadas pelos jornais A Hora do Vale e o Informativo do Vale no processo de noticiabilidade do acidente aéreo envolvendo a equipe da chapecoense em novembro de 2016**. 2017. 118f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade do Vale do Taquari, Curso de Jornalismo, Lajeado, 2017.

LAGE, Leandro. **Elementos de uma poética jornalística do acontecimento: narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de S. Paulo**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Belo Horizonte, 2013.

LAGE, Leandro. O massacre de Realengo na retrospectiva de Veja: entre a memória e o esquecimento. **10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Curitiba (PR), Nov. de 2012.

LAWRENCE, David (1885-1930); TOLSTÓI, Liev (1828-1910). In: **Tragédia moderna**. Ed. Cosac Naify, São Paulo, p. 161-182, 2002.

MACIEL, L.; MELO, F.; SILVEIRA, J. #ForçaChape: A Tragédia da Chapecoense na Óptica da Rede Globo. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza, Junho 2017.

MAIA, Marta; REIS, Leidiane. A construção de um acontecimento jornalístico. XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, São Paulo, Maio de 2011.

MELLO, M. S. Força, Chape? Narrativas da rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia2933. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, Set. 2017.

MORETZSOHN, Sylvia. Noticiar a dor: possibilidades e dificuldades do jornalismo na tragédia de Santa Maria. XXII Encontro Anual da Compós. Bahia, Jun. 2013.

NEGRINI, Michele; NETO, V. O. Mediadores nas tragédias: um estudo sobre as coberturas da morte de Senna e da queda do avião da Chapecoense. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Juliana Motta. Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

PÉRSIGO, Patrícia Milano. **Entre a crise e a notícia: as estratégias organizacionais da Air France e a construção do acontecimento “Voo 447” pela mídia impressa brasileira e francesa**. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SANTOS, Juliana Frandalozo Alves. **Do desastre para o risco: qualidade na cobertura em revistas semanais de informação**. 2014. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2014.

SILVA, Carolina M. Mobilização social no Facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), 2014.

SILVA, Terezinha. A ‘Tragédia em Mariana’ e o Poder Hermenêutico do Acontecimento – uma Análise Preliminar. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, Setembro de 2016.

SIMÕES, Paula G. **Da morte à biografia de Mandela: acontecimento, celebridade e problema público.** In: Ciberlegenda – Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. n.31, 2015, p. 86-98.

WERNECK, Guilherme Oliveira. **O dia em que o mundo abraçou a chape: análise da cobertura jornalística do acidente com a chapecoense.** 2017. 175f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WILLIAMS, Raymond (1921-1988). **Tragédia moderna.** Ed. Cosac Naify: São Paulo, 2002.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau.** Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.